

Umbanda e Santo Daime: os processos folkcomunicaçãois da religiosidade em Parintins¹

Tayana Nazario FERNANDES²

Mirna Nayra MONTE VERDE³

Yandrei Souza FARIAS⁴

Ludyanne da Silva FERREIRA⁵

Helon da Silva COELHO⁶

Hudson Roberto BELTRÃO JÚNIOR⁷

Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, AM

RESUMO

A produção em fotojornalismo Umbanda e Santo Daime: os processos folkcomunicaçãois da religiosidade em Parintins é um trabalho desenvolvido para o Intercom norte 2016, com a finalidade de mostrar mais sobre a doutrina do Santo Daime e da Religião Umbanda. O trabalho foi pensando junto ao orientador professor substituto Hudson Beltrão durante as aulas de Fotojornalismo com a intenção de contar a história dos encontros das duas correntes religiosas. Estudos de Luiz Beltrão sobre folkcomunicação foram utilizados sobre a perspectiva de grupos marginalizados pela sociedade vigente.

PALAVRAS-CHAVE: Santo Daime; Umbanda; Fotojornalismo; Folkcomunicação.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho intitulado “Umbanda e Santo Daime: os processos folkcomunicaçãois da religiosidade em Parintins” é uma produção em fotojornalismo que mostra os encontros religiosos da doutrina do Santo Daime e da religião Umbanda. Em Parintins, cidade localizada a 369 quilômetros da capital Manaus, a religião majoritária é o catolicismo, mesmo assim e sem desrespeitar as outras religiões, o Daime e a Umbanda conseguiram se firmar em locais distantes do centro da cidade. A Umbanda é considerada uma religião, enquanto o Santo Daime é apontado como uma Doutrina religiosa. O que as duas têm em comum além de serem uma forma de alcançar algo superior? As duas são ‘mal vistas’ pelas religiões tradicionais, principalmente, pelo catolicismo. E por elas serem excluídas da

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade produção em fotojornalismo (conjunto).

² **Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso de comunicação Social – Jornalismo**, email: tayana.nazario@gmail.com

³ Estudante do 6º. período do curso de Comunicação Social- Jornalismo, email: mirna_monteverde@outlook.com..

⁴ Estudante do 6º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: yandreifarias@gmail.com.

⁵ Estudante do 6º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: ludyanne.s.ferreira@gmail.com.

⁶ Estudante do 6º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: heloncoelho@hotmail.com.

⁷ Professor orientador. Email: HUDSONBELTRAO_JR@HOTMAIL.COM

sociedade, e por constituírem um sistema próprio de crenças e comunicação, formando grupos que são fieis aos seus valores, elas se encaixam na linha de pensamento da folkcomunicação, teoria brasileira fundada pelo jornalista Luiz Beltrão, em 1980.

Conforme Beltrão (1980) a folkcomunicação se caracteriza pelo ‘estudo dos agentes e dos meios populares de informações, fatos e ideias’, e busca compreender as camadas populares nos universos e em seus processos comunicacionais. De uma forma geral, pode-se identificar a folkcomunicação como a comunicação do povo, que valoriza as mais variadas formas de manifestações no âmbito comunicacional (gestos, falas, signos, objetos, ambientes, rituais, etc.). Nesse sentido, tudo o que comunica o povo e para o povo faz parte da folkcomunicação.

Beltrão identificou os grupos usuários do sistema de folkcomunicação como marginalizados. O termo *marginalizado*⁸ nesse caso, não se refere à pessoa perigosa, fora da lei, que vive no mundo do crime, mas sim a um indivíduo que está entre duas culturas e duas sociedades que nunca se fundiram totalmente. Dessa forma, os grupos usuários do sistema de folk, os marginalizados, são considerados como excluídos da sociedade, e não só do sistema político, mas também do sistema de comunicação social.

Esses grupos marginalizados passam a criar os próprios canais de comunicação, onde expressam suas ideias, experiências e necessidades de acordo com suas realidades. Beltrão (1980) dividiu os marginalizados em três grupos: os grupos rurais marginalizados, os grupos urbanos marginalizados e os grupos culturalmente marginalizados.

A Umbanda e Santo Daime, pela ótica da folk, podem ser identificados como grupos culturalmente marginalizados, que segundo Beltrão (1980), são grupos que constituíssem-se de indivíduos que contestam a cultura e organização social por adotarem linha de pensamento que contrapõe a sociedade vigente.

[...]duas tradições nascidas no Brasil- a Umbanda e o Santo Daime -tendo sido configurado como um caso único do encontro dessas tradições e que apresenta, portanto, características singulares ainda não pesquisadas pelas ciências sociais. São tradições tipicamente brasileiras, sincréticas, onde se congregam elementos do Cristianismo, do Espiritismo e das tradições afro-brasileiras. Ambas se caracterizam ainda como um sistema de crenças em formação, não se apresentando como um sistema acabado, pronto e fechado; talvez por isso mostrem-se capazes de incorporar recortes de outras tradições (GUIMARÃES, 2006, pag. 46).

⁸ Para Beltrão, “o fenômeno da marginalidade” se configurou após a revolução industrial, quando a elite econômica se contrapõe a grupos desfavorecidos economicamente e com baixa formação intelectual, com o distanciamento geográfico – rural e urbano – e submetidos a uma estrutura político-social dominante (BELTRÃO, 1980).

Este trabalho usa a fotografia para traduzir o universo da Umbanda e do Santo Daime, por meio de onze fotos, retratando o ambiente em que eles desenvolvem seus trabalhos, cada um com suas peculiaridades, mas com a presença constante da fé e dos símbolos que caracterizam uma relação de crença e devoção.

A Umbanda foi fundada no Rio de Janeiro por Zélio de Moraes, homem, branco, de classe média e de família tradicionalmente católica. Ele afirma que em 1920 o espírito de um padre jesuíta se revelou e lhe disse que ele seria o fundador de uma nova religião, verdadeiramente brasileira que seria dedicada a dois espíritos brasileiros: O Caboclo e o Preto Velho. Nos anos 20, Zélio fundou o primeiro centro de Umbanda em Niterói e desde então a Umbanda se disseminou por todos os cantos no Brasil. Quase cem anos se passaram, mas a Umbanda ainda vive as margens da sociedade, vista por muitos como feitiçaria e macumba.

Em Parintins, no terreiro de São Sebastião, Mãe Bena comanda os trabalhos durante as segundas, quartas, e sextas, e também em dias santos. A mãe de santo, recebe os visitantes que querem conhecer um pouco mais sobre o que acontece no terreiro, que fica localizado ao lado de sua casa em um terreno distante dos olhares maliciosos e “onde há mais espaço e privacidade para eles fazerem o barulho que quiserem”, conta ela. Sempre disposta a falar sobre os seus santos protetores, no que os participantes depositam sua fé e como é o trabalho em treinar os novos ‘pais e mães de santo’, ela se orgulha de sua religião e em servir a Ogum (orixá da guerra, da coragem, protetor dos templos e casas e dos caminhos). O terreiro de São Sebastião foi o escolhido para o trabalho ser realizado devido ao fato que ele é o que possui um maior número adeptos da religião, apesar de existirem mais alguns na cidade.

Já o Santo Daime é uma doutrina religiosa no qual um chá conhecido como ayahuasca é oferecido aos participantes da sessão. Ela foi fundada pelo mestre Irineu Serra, no Acre, na década de 30. O termo ayahuasca refere-se a diferentes elementos como a força espiritual que estaria presente na substância e a própria substância, que é feita com o cipó jagube⁹ e a folha chacrona¹⁰ que provoca alucinações nos participantes. Pode-se dizer que o termo se aplica também à substância preparada somente com espécies do cipó, prática esta encontrada entre os índios Maku, na região fronteira entre Brasil e Colômbia.

⁹ Jagube é um cipó amazônico usado para fazer o chá da ayahuasca.

¹⁰ Chacrona é um arbusto que também é usado para se fazer o chá da ayahuasca.

A ayahuasca provoca diferentes reações em quem a ingere, a ‘pêia’ como é chamada pelos fardados, pessoas que participam de todas as sessões, provoca diferentes reações nos participantes. Algumas pessoas não conseguem distinguir o que é ou não real, como foi presenciado pelos alunos durante o trabalho, outras vomitam, outras riem ou choram, algumas até dizem que conseguem enxergar coisas de outros planos espirituais. O que de fato é comprovado é que o chá provoca reações ‘diferentes’. Todos os participantes, mesmos os visitantes são obrigados a ingerir o chá de ayahuasca.

Para Luiz Eduardo Soares o Daime

Inúmeros motivos explicam a tendência do campo a ser polarizado pelo Santo Daime; vale dizer, explicam não só sua força de atração, como de repulsão. Se, hoje, o Daime ocupa um lugar sui generis, é porque encanta, recruta, fascina, mas também inquieta, choca, mobiliza polêmicas e enseja críticas radicais. Por último, o grupo religioso do Santo Daime destaca-se por representar um caso-limite e por fixar uma espécie de ponto de inflexão da dinâmica do campo em que surge, se afirma e se desenvolve: enquanto errância e experimentalismo definem a natureza das relações entre os indivíduos e as perspectivas religiosas “alternativas”, em nosso campo de observação, o Daime inverte expectativas e conclama a uma parada proto-institucionalizante ou ponto-rotinizante, a uma suspensão da circulação mística, isto é, do trânsito incessante que preserva a disponibilidade permanente para o chamamento (profético), para a entrega (carismática), para reconciliação (messiânica) do, ao e com o “sagrado”. (SOARES, 1994, pag. 5)

O Santo Daime ganha cada vez mais adeptos e até em cidades pequenas, como Parintins, uma cidade com números muitos altos de católicos, o Daime, assim como a Umbanda, encontrou espaço e um número significativo de simpatizantes. As sessões na Igreja do Daime acontecem duas vezes no mês, e são presididas por Nézias Brelaz, um senhor que possui imenso prazer em contar a história do mestre Irineu, e deixa claro que a Igreja do Daime é aberta a todos. Nézias, faz questão de afirmar que a ayahuasca não é alucinógena, apesar de diversos estudos científicos afirmarem o contrário.

Para retratar o universo dessas duas frentes religiosas, a perspectiva dos estudos folkcomunicaçãois foi utilizada com o intuito de conhecer mais sobre esses grupos que ainda são marginalizados em Parintins. E, desse modo, por meio do fotojornalismo, levar a sociedade e provocar reflexões sobre essas manifestações religiosas na cidade.

2 OBJETIVO

O intuito do trabalho é retratar através do fotojornalismo, um recorte da realidade, os processos folkcomunicaçãois existentes na Umbanda e no Santo Daime no município de Parintins. Por meio das imagens, retratar o sistema de crenças e comunicação existente nessas duas manifestações religiosas, que muitas vezes são mal vistas e ou até desconhecidas pela sociedade.

3 JUSTIFICATIVA

Fazer qualquer trabalho que envolva religião é sempre complicado, porque nem sempre consegue se passar a ideia que aquela determinada religião prega, mas um registro fotográfico consegue passar com fidelidade o que aconteceu naquele determinado momento. Esse trabalho se justificativa na necessidade de se mostrar mais sobre as religiões e cultos religiosos que não são tradicionais, mas possuem um número grande de fieis.

A Umbanda e o Santo Daime são duas religiões que estão à margem da sociedade. Elas são vistas por muitos com um olhar preconceituoso. Beltrão (1980) em seu livro folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados, aponta três tipos de grupos que são culturalmente marginalizados, entre eles o Messiânico que se encaixa na Umbanda e Daime. Segundo ele os messiânicos são:

Grupos composto de seguidores de um líder carismático, cujas ideias religiosas representam contrafações, adulterações, exacerbações ou interpretações personalíssimas de dogmas e tradições consagradas pelas crenças e dominações religiosas estabelecida e vigentes no universo da comunicação social (BELTRÃO, 1980 pag. 103)

Seguindo a perspectiva de Beltrão, as duas vertentes religiosas apontadas nesse trabalho se encaixam nessa linha, já que as duas vão de encontro às religiões vigentes, principalmente, por conta dos simbolismos que se utilizam.

A Umbanda, muitas vezes, é estereotipada como uma religião que prega a maldade por meio da macumba e feitiçaria, além de ser considerada uma religião de pessoas pobres. Muitos são os casos de ofensas e críticas aos participantes dessa religião, sem ao menos conhecerem. Com o Santo Daime também ocorre esse preconceito, principalmente por eles oferecerem em seus encontros o chá da ayahuasca, que o povo com o seu senso comum, acreditam ser uma espécie de droga, mesmo que este seja legalizado para fins religiosos no Brasil desde os anos 80, na resolução número 6, de 4 de fevereiro de 1986.

Desse modo, uma das justificativas de se realizar este trabalho, é para que as pessoas conheçam mais sobre essas religiões e não as vejam com preconceito. É válido destacar, que este trabalho é apenas o início, e que durante este ano, outros registros fotográficos acerca das manifestações religiosas populares em Parintins serão feitos.

A narrativa construída através das fotos tem a intenção de mostrar o lado pouco conhecido dessas duas correntes religiosas, a prática da fé e personagens que, por meio de suas crenças, simbolizam as convicções nessas práticas que buscam alcançar o Sagrado. Para dar suporte a essa produção em fotojornalismo recorreu-se a Jorge Pedro Souza, um dos estudiosos mais conhecidos desse meio. Em seu livro *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa* (2002) ele afirma:

O fotojornalismo é, na realidade, uma actividade sem fronteiras claramente delimitadas. O termo pode abranger quer as fotografias de notícias, quer as fotografias dos grandes projectos documentais, passando pelas ilustrações fotográficas e pelos features (as fotografias intemporais de situações peculiares com que o fotógrafo depara), entre outras. De qualquer modo, como nos restantes tipos de jornalismo, a finalidade primeira do fotojornalismo, entendido de uma forma lata, é informar. (SOUZA, 2002, pag. 7)

E já que informar é a principal função do fotojornalismo, nada melhor que usar isso para contar a história da Umbanda, por meio do Terreiro de São Sebastião, e do Santo Daime em Parintins.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Essa produção em fotojornalismo foi um trabalho que teve início na disciplina de Introdução a fotografia, quando os alunos realizaram uma visita ao terreiro de São Sebastião para realizar um ensaio fotográfico sobre as manifestações de fé. Desde então resolveram conhecer mais sobre a Umbanda e outras religiões que não são muito comuns na cidade e assim conheceram o Santo Daime. Depois de cursar a disciplina de Fotojornalismo, que é uma continuidade de Introdução à fotografia do curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, os alunos Tayana Nazario, Mirna Nayra Monteverde, Ludyane Ferreira, Yandrei Farias e Helon Coelho junto com o Professor Orientador Hudson Beltrão resolveram fazer um trabalho de fotojornalismo no Terreiro de São Sebastião, de Mãe Bena e Na igreja do Santo

Daime, lugares escolhidos por pouco se conhecer sobre essas práticas religiosas em Parintins.

A máquina fotográfica utilizada foi a *Canon Rebel 1000D* do laboratório de fotografia da universidade. Para a realização das fotografias, o conhecimento adquirido em sala de aula durante as aulas de fotojornalismo foram essenciais. As técnicas aprendidas foram utilizadas.

Como o trabalho foi realizado durante à noite, em alguns casos, como no Terreiro de São Sebastião, também foi utilizado um *Led*, para que a luz favorecesse as imagens. O uso do ISO e do obturador variaram de acordo com a luminosidade e com trabalho que era executado.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O encontro no Santo Daime durou uma média de 4 horas e procurou-se registrar todos os momentos da sessão. O começo, onde todos se reúnem em círculos, homens de um lado, mulheres de outro. Logo depois, quando é aberto o primeiro despacho do Daime, como é chamado pelo presidente da sessão, todos os participantes e convidados fazem fila para tomar a ayahuasca. Em seguida, é realizado o segundo, o terceiro, e último despacho.

Apesar de ser muito repetitivo o que acontece no encontro, foi necessário registrar todos, já que depois de ingerir a bebida, nunca se sabe quanto tempo levará para que surjam os efeitos do chá e quais serão eles. Foi preciso muita atenção para não perder nenhuma reação das pessoas presentes e tudo isso sobre o efeito do chá.

Já no terreiro de São Sebastião, no dia em que as fotos foram tiradas, havia um treinamento. A Mãe Bena, responsável pelo terreiro estava treinando quatro jovens mulheres para receberem o seu médium, ou seja, para receber entidades de outros planos espirituais, como ela explicou. O trabalho lá dura cerca de três horas e meia.

Luz baixa, ao som dos tambores e da alta cantoria o trabalho começa. Os médiuns começam a receber seus ‘cavalos’, modo como é chamado as entidades que eles recebem. A cena é forte para uma pessoa que nunca teve contato algum com a religião, mas como os integrantes do grupo já tinham realizado um contato prévio, continuaram focados em registrar cada momento, desde os ambientes, o bater de tambores, aos participantes dançando no centro, e as reações das Mães e Pais de Santo.

As fotos selecionadas dos dois encontros contam a história da sessão que ocorreu. É uma evolução dos acontecimentos, tanto no Santo Daime quanto no terreiro. Para a seleção de onze das mais de quatrocentos fotos capturadas utilizou-se o critério de a foto fazer informar e interagir com o público que irá vê-la, assim como é proposto no fotojornalismo. Como diz Souza (2002), o essencial do fotojornalismo é contar uma história em imagens e foi exatamente isso que o grupo fez, por mais superficial possa parecer.

O fotojornalismo eterniza a história em cada foto e, sempre, indiscutivelmente, de um jeito único, haja vista que cada fotógrafo tem sua interpretação do fato, seu ponto de vista, sua maneira exclusiva de olhar através da lente e registrar os acontecimentos, sejam eles belos ou cruéis.” (CESAR, Newton; PIOVAN, Marco 2003: P. 29)

Visto que cada fotografo possui um ponto de vista, o olhar de cinco fotógrafos foi utilizado nessa produção, para que assim as interpretações da realidade fotografada variem e se distanciem de qualquer posição individual e haja uma pluralidade de interpretações para as realidades recortadas através das fotos.

6 CONSIDERAÇÕES

Contar uma história através da fotografia não é muito simples, principalmente, quando o tema é tão delicado e plural como a religiosidade. Falar de religião é um pouco complicado, pois envolve algo sagrado. Mesmo assim o grupo resolveu arriscar e conhecer um pouco mais sobre o Santo Daime e a Umbanda e tentou colocar em prática tudo aquilo que foi aprendido na sala de aula.

Foi uma grande oportunidade de colocar o conhecimento adquirido em prática e contar um pouco do que acontece nas reuniões dessas correntes religiosas, em que uma é oferecido um chá, que segundo especialistas é alucinógeno, e na outra os adeptos recebem entidades em seus corpos e isto foi uma experiência e tanto.

O objetivo proposto pelos integrantes do grupo foi alcançado. Com o intuito de mostrar um pouco mais sobre essas duas manifestações de fé a partir da teoria da folkcomunicação e das técnicas do fotojornalismo, fez se um recorte da realidade destas duas correntes religiosas tão diferentes e tão próximas entre si. A fotografia e o Jornalismo, contam uma história e permite que as pessoas que admiram, sintam as emoções expostas nos fatos e façam as suas interpretações.

O grupo procurou se distanciar ao máximo dos acontecimentos e trazer um pouco de neutralizada aos espectadores, para que assim todos possam ter suas próprias percepções acerca do que acontece nos dois locais. A intenção do grupo é que este seja apenas o começo de uma grande produção em fotojornalismo sobre as religiões poucos conhecidas e ‘marginalizadas’ da cidade de Parintins e levar ao conhecimento das pessoas.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação** a comunicação dos marginalizados. Editora Cortez. 1980.

CESAR, Newton e PIOVAN, Marco. **Making of: revelações sobre o dia-a-dia da fotografia**. São Paulo: Futura, 2003

GUIMARÃES, Maria Beatriz Lisboa. **A experiência religiosa como prática erapêutica: estudo de caso de um terreiro de umbanda com santo daime**. Revista mediações, Londrina, v. 11, n. 2, p. 45- 64, jul./dez. 2006.

SOARES, Luiz Eduardo. **O Santo Daime no Contexto da Nova Consciência Religiosa**. editora Relume Dumará, 1994.

SOUZA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. 2002.

Sites

www.pucsp.br/rever/rv012001/p_jensen.pdf 6

Revista de Estudos da Religião Nº 1 / 2001 / pp. 1-21 ISSN 1677-1222